



TRAÇOS DA CONTRACULTURA NAS TRIBOS URBANAS - FOTORREPORTAGEM¹

Cristiane Guse FRONZA²

Andrea Ferraz FERNANDEZ³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Os primeiros sinais da contracultura surgiram nos anos 40, após o final da II Guerra Mundial e durante uma prolongada depressão econômica. Ela era uma forma de contestar o sistema. O movimento contracultural desejava mudanças na micropolítica, no cotidiano das pessoas. Foi nessa época em que a juventude começou a ser focada pelos agentes do mercado como um público-alvo para alavancar as vendas, principalmente no setor da moda. Este trabalho se propõe a fazer um breve histórico da contracultura e em como isso influenciou no surgimento dos grupos juvenis, as tribos urbanas da atualidade. Observando o universo acadêmico, pode-se encontrar várias tribos, identificá-las através de recortes e montá-los em uma fotorreportagem. Assim, este trabalho experimental, apoiado na pesquisa bibliográfica e de campo, visa contribuir com uma nova teoria dos desdobramentos da contracultura.

PALAVRAS-CHAVE: contracultura; fotojornalismo; juventude; tribos; universidade.

INTRODUÇÃO

Os primeiros sinais da contracultura surgiram nos anos 40, após o final da II Guerra Mundial e durante uma prolongada depressão econômica. Ela era uma forma de contestar o sistema. Sobre a juventude, Freire Filho (2007, p. 29) explica que ela despontou na Inglaterra pós-guerra, como um local privilegiado para “conjecturas, idealizações, teorizações e debates públicos acerca de mudanças na economia, na produção e no consumo cultural, nos costumes e nas relações sociais”. E foi nessa época que a juventude começou a ser focada pelos agentes do mercado como um público-alvo para alavancar as vendas.

Tanto o mercado quanto a indústria cultural de massa ajudaram a disseminar imagens estereotipadas dessa nova geração, focando na rebeldia, selvageria ou delinquência juvenil. Eram vistos como o jovem “vítima melodramática da sociedade” ou o jovem como uma ameaça “que deve ser banida ou eliminada, em nome da restauração da moralidade e da ordem”. (FREIRE FILHO, 2007, p. 30)

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Ensaio fotográfico (conjunto de no mínimo 10 (dez) fotografias).

² Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (2010) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), email: crisguse@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), email: drecafer@gmail.com.



Segundo Freire (2007), as subculturas juvenis não eram meros “construtos ideológicos”, essas formações sociais tentavam buscar estratégias para sua existência coletiva e “conquistar espaço cultural”.

Edgar Morin (2006, p. 10) explica que, no início da cultura de massas, a juventude estava culturalmente estacionada, porém “a partir de 1955, a irrupção dos valores adolescentes ‘selvagens’ desencadeia uma sucessão de inovações e rupturas no seio da subcultura juvenil, não somente no cinema, mas através do nascimento e do impulso do rock”.

Em todas as civilizações sempre se pôde constatar “o potencial do jovem para provocar ações políticas transformadoras” e “um dos exemplos mais marcantes desse fenômeno foram os acontecimentos de maio de 1968 na França” (ZANETI, 2001, p. 21). Então, ocorre o nascimento e crescimento da contracultura como a conhecemos.

O movimento contracultural desejava mudanças na micropolítica, no cotidiano das pessoas. Bruno Delecave de Amorim (2007, digital) explica que “na época da contracultura havia muito pelo que lutar e, ao menos nas mentes, a revolução era possível”. Segundo Amorim, o movimento alternativo encerrou seu ciclo “por conta da comercialização dos valores contraculturais tão comum na atualidade” e essa absorção era, além de inevitável, “muito esperada”. Porém, “aparentemente não foi o que aconteceu, ao invés de preservado o essencial, preservou-se o periférico, por exemplo, o hedonismo”. Atualmente a contracultura já está integrada ao sistema.

O Brasil também registra em sua história importantes movimentos da juventude. Segundo Hermes Zaneti, em *Juventude e Revolução*, “a ação autônoma dos jovens no Brasil parece ser o celeiro de gestação e geração de importantes lideranças políticas e culturais, bem como de impactos capazes de promover alterações políticas, sociais e culturais” (2001, p. 22). Para Zaneti, o engajamento dos jovens em vários movimentos parece indicar “uma necessidade do jovem de ‘pertencer’”. Maffesoli (2006, p. 11) explica que “o tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social”.

Segundo Maffesoli (2006, p. 131), os estudos psicológicos feitos nos anos 70 por Watzlawick falavam do “desejo ardente e inabalável de estar de acordo com o grupo”, mas, “atualmente, não se trata mais de desejo”. O que era experimental tornou-se realidade e a “preocupação com a conformidade é uma conseqüência da massificação, e é dentro desta que se operam [...] os reagrupamentos”. E o que são as tribos urbanas senão “o vaivém



constante que se estabelece entre a massificação crescente e o desenvolvimento dos microgrupos” (Maffesoli, 2006, p. 31)?

2 OBJETIVO

Objetivo geral

Fotorreportar as várias estéticas formadoras/diferenciadoras de tribos urbanas dentro do espaço universitário da UFMT.

Objetivos específicos

- Observar a juventude no meio estudantil para identificar estéticas de tribos urbanas;
- Analisar se existem traços da contracultura nas atuais tribos urbanas;
- Identificar os grupos dentro da comunidade acadêmica, diferenciando-os, nas fotografias, através de detalhes do vestuário e objetos;
- Produzir trabalho acadêmico com os resultados encontrados com a pesquisa.

3 JUSTIFICATIVA

Observando o universo acadêmico, especificamente a Universidade Federal do Mato Grosso, pode-se encontrar várias tribos, ou neotribos, e identificá-las através desses recortes, montados, logo depois, em uma fotorreportagem.

Segundo Edgar Morin (2006, p. 144), é “o movimento estudantil que tornará manifesta e programática a recusa do estatuto menor e que tornará política, ou mesmo revolucionária, a recusa da sociedade adulta”.

O mundo estudantil é o palco potencial de “revoltas”. [...] o perfil do estudante contestatório cessa de conduzir pura e simplesmente a um desvio passageiro e periférico: conduz-nos ao problema central de uma sociedade cuja crise ele revela (ao nível gerativo, isto é, de sua auto-reprodução) e anuncia-nos que um mundo vai desmoronar (sem que necessariamente surja um mundo novo, como mais adiante se indicará). (MORIN, 2006, p. 144, 145 e 155)

Partindo da premissa de que cada pessoa participante de um grupo ou ‘tribo’ se disfarça dependendo das situações, esse trabalho buscou descobrir, através de observação e, logo após, da realização de uma fotorreportagem, se esses ‘disfarces’ estão relacionados com o que foi dito ao longo deste projeto.

A fotografia foi a escolha para essa descoberta porque “embora a fotografia tenha a natureza inegável de um fragmento, trata-se de um recorte intensificador. O que a foto



perde em extensão, na sua relação com o mundo lá fora, ela ganha em intensidade" (SANTAELLA e NÖTH, 2008, p. 127).

Diante do objeto de pesquisa tal como aqui delimitado, obteve-se como problema de pesquisa descobrir se existiam traços visuais da contracultura, principalmente nas vestimentas e acessórios, nas atuais tribos urbanas e/ou uma ligação estética entre as tribos urbanas atuais e os grupos que surgiram na contracultura. Já que “a moda é uma linguagem que exprime sentido, nos quais os estudiosos reconhecem os usos sociais do corpo e do vestuário como um todo” (CODATO & LOPES, 2008, p. 211).

A busca foi por traços que interligassem os objetos de estudo e se manifestassem no jovem universitário. Podendo ser captados, através de fotografias, recortes da realidade (partes do corpo e/ou objetos) das tribos urbanas presentes na Universidade Federal do Mato Grosso, em Cuiabá.

A escolha específica do universo acadêmico foi feita por ser esse o meio mais favorável para encontrar os vários ‘tipos de juventudes’. É no meio estudantil, também, que desenvolveu-se os movimentos na época da contracultura e que, ainda hoje, prevalecem, mesmo que num formato diferente.

Assim, este trabalho de fotorreportagem, apoiado na pesquisa bibliográfica e de campo, visa contribuir com uma nova teoria dos desdobramentos da contracultura. O que restou, se é que restou, da época mais conturbada da história da juventude. A importância de se registrar isso em uma fotorreportagem está no fato de que não exista tal trabalho, feito desta forma, no meio acadêmico. Um projeto experimental dessa magnitude encontra dificuldades na falta de material no qual possa se apoiar, porém, pode trazer novas descobertas sobre o tema.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Os procedimentos técnicos utilizados foram:

- a) pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em materiais elaborados sobre o tema, constituídos de livros e artigos científicos;
- b) estudo de campo, através da pesquisa e observação participante, procurando aprofundar em uma realidade específica, por meio da observação direta das atividades do grupo estudado.
- c) trabalho prático, através da fotografia e logo após análise e escolha das imagens para compor a fotorreportagem.



d) Escritura do paper para apresentação em evento regional de comunicação.

A pesquisa bibliográfica se faz necessária em qualquer produção intelectual, seja científica ou não. É preciso ter informações iniciais para escrever sobre qualquer assunto. Segundo Stumpf (2008), a pesquisa “é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto” (STUMPF, 2008, p. 51).

Foi usada também a pesquisa de campo, especificamente a observação. As observações, experimentos ou pesquisas de campo são realizadas sempre que se deseja testar ou iluminar alguma teoria. No caso deste trabalho, a observação serviria tanto para iluminar a teoria, quanto para testar as hipóteses e escolher os personagens a serem fotografados e selecionados para compor a fotorreportagem.

Segundo Chizzoti (2001), existem dois tipos de observação, a estruturada ou sistemática, que “consiste na coleta e registro de eventos observados que foram previamente definidos” e a observação direta ou participante que “é obtida por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural” (CHIZZOTI, 2001, p. 53 e 90).

Neste trabalho, optou-se pela observação estruturada porque nela o observador elabora uma listagem de comportamento (no nosso caso, vestimentas), registrando-os e classificando-os em categorias ou caracterizando-os por meio de sinais, onde “os registros são feitos em uma listagem de comportamentos bem preciso, assinalando a frequência, a duração e outras circunstâncias, por meios de sinais gráficos” (CHIZZOTI, 2001, p. 53).

Ao observar, dentro do campus de Cuiabá da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em locais específicos e de maior movimento, como o Restaurante Universitário (RU), o comportamento e as vestimentas característicos de determinados grupos, podemos ver que existe a ocorrência de algumas características contraculturais encontradas em algumas tribos urbanas.

A segunda coisa a se fazer é a pauta, pois uma pauta também se faz necessária em uma fotorreportagem. Pois, “se a disposição é fazer uma reportagem fria, que mergulhe em um tema para mostrar os detalhes de algum acontecimento, a pauta reclama uma programação prévia” (OLIVEIRA, 2005, p. 18). É preciso fazer a pesquisa, a leitura, a observação, a redação e, por fim, as fotografias.

O jornalismo foi uma das primeiras atividades a utilizar a fotografia. Pois, “ao funcionar como prova, beneficiando do efeito-verdade, a fotografia credibilizaria os enunciados verbais e as representações da realidade que esses enunciados criavam, acompanhados,

agora, pelas fotos” (SOUSA, 2000, p. 5). A fotografia pode ser considerada uma linguagem universal, geralmente entendida e ‘lida’ por todos, “independentemente das práticas e leituras fotográficas culturalmente mais localizadas que se possam fazer de uma foto” (Ibid., p. 230).

Agostineti (2010) explica que o jornalismo se constrói a partir de conflitos e mesmo as fotorreportagens nascem desse combate. Segundo o autor “essa ideia permite pensar o jornalismo como construtor de um mundo, ou vários, que utiliza a realidade em seu referencial e que influencia na construção de um imaginário sobre o mesmo” (AGOSTINETI, 2010, p. 3). Pois, assim como na reportagem, a fotorreportagem também deverá conter personagens, que são escolhidos pela impressão de realidade. As imagens se tornaram uma forma de referenciar o discurso jornalístico.

Jorge Pedro Sousa (2000, p. 5), autor português que mais falou sobre o fotojornalismo, o define como “uma atividade que usa a fotografia como veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as conseqüências que ela traz ao Planeta”.

Para a realização da fotorreportagem, a primeira dúvida foi se deveria ou não obter a autorização das pessoas para fotografá-las. Roberto Comodo Filho (2005) em um artigo da Revista *Fotógraphos* explica que, se levarmos em conta até as últimas conseqüências tudo o que a Lei prevê, provavelmente pararíamos de fotografar, principalmente nos trabalhos autorais e de fotojornalismo. Porém, “juridicamente, o Direito de Imagem encontra-se dentro dos chamados Direitos da Personalidade” onde o titular não pode privar-se da sua própria imagem, mas pode tirar “proveito econômico” (COMODO, 2005, p. 28).

Mas, Comodo ainda explica que, a postura ideal do fotógrafo “será sempre obter uma autorização por escrito da pessoa fotografada”, até para que não haja nenhum problema na utilização dessas imagens na hora de publicar o trabalho. Para isso, elaborou-se uma autorização específica para a realização desta fotorreportagem.

Outra coisa muito importante na hora de fotografar é a compreensão e a prática das comunicações não-verbais, que permitem “captar informações que não são ditas através de palavras” (LIMA, 1988, p. 105).

As roupas e os objetos próximos identificadores ajudam a situar visualmente a pessoa ou grupo de pessoas no seu universo cultural, pessoal e coletivo. [...] As roupas são indicativos, por si sós, de uma situação ou de uma implicação, servindo como complemento para a compreensão da situação e da pessoa, ou pessoas que são focalizadas na imagem. [...] Os artefatos podem servir, com bastante precisão, para

determinar a época, a origem étnica e a herança cultural dos indivíduos fotografados. (LIMA, 1988, p. 114)

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Após a revisão bibliográfica foi possível verificar teoricamente o que se aplicou na fotorreportagem. A parte experimental deste trabalho buscou mostrar através das fotos os símbolos dos dois principais momentos da contracultura, o *hippie* e o *punk*, quais são as características que ainda restaram e que são usadas pelas atuais tribos urbanas. Apesar de hoje o assunto ser muito mais profundo do que isso, precisando perpassar as mudanças no conceito de cultura durante os últimos anos e também o hibridismo que existe na atualidade, este trabalho se propôs a apenas traçar esses resquícios visuais.

A fotorreportagem final representa os pequenos traços, vistos nas roupas, acessórios e até atitudes, que restaram ou foram herdados da contracultura. As tribos urbanas atuais se distinguem muito mais visualmente do que os movimentos *hippie* e *punk*, porque não era apenas o visual que importava, pois eles seguiam fielmente também os ideais dos movimentos. Durante a captura das fotos notou-se certa preocupação dos personagens em não serem ‘encaixados’ nesta ou naquela tribo ou movimento. Muitas vezes, esses jovens desconhecem esses movimentos e nem sabem que estão usando seus símbolos. O que apenas reforça a questão de que os jovens hoje estão muito mais envolvidos com questões de consumo do que de ideais.

A imagem, hoje, é considerada a principal preocupação porque é como o outro o verás. Juliana Martins Evaristo da Silva exemplifica isso citando Fernanda Bruno, que sinaliza “que estamos vivendo um momento inédito da relação entre visibilidade e subjetividade, em que o olhar do outro passa a ser demandado como legitimador da existência” (BRUNO apud SILVA, 2009, p. 07).

Segundo Silva, esse movimento:

[...] também se apresenta na importância concedida à moda, à criação de um estilo pessoal e às cirurgias plásticas. Cada vez mais o que cada um é passa pela sua criação imagética – o eu como imagem auto-definida, mutável, instável e articulada com o consumo de bens materiais e simbólicos. (SILVA, 2009, p. 02)

Partindo da premissa de que cada pessoa participante de um grupo ou ‘tribo’ se disfarça dependendo das situações, esse trabalho buscou descobrir, através de observação e, logo após, da realização de uma fotorreportagem, se esses ‘disfarces’ estão relacionados com o que foi dito ao longo do texto.



A fotografia foi a escolha para essa descoberta porque “embora a fotografia tenha a natureza inegável de um fragmento, trata-se de um recorte intensificador. O que a foto perde em extensão, na sua relação com o mundo lá fora, ela ganha em intensidade” (SANTAELLA e NÖTH, 2008, p. 127).

Foram captadas cerca de 380 fotos entre os dias 17 e 22 de novembro de 2010 nos locais escolhidos: Restaurante Universitário – RU, Instituto de Linguagens – IL e Instituto de Ciências Humanas e Sociais – ICHS. Dentre essas, foram selecionadas 35 fotos, compondo a fotorreportagem final. Porém, para esse evento, foi necessário fazer a escolha de apenas 12 fotos, não demonstrando fielmente o resultado final do trabalho.

Além disso, no trabalho original as fotos aparecem todas com legenda, identificando ou explicando o contexto e o local das fotos. Porém, como no formato pedido para esse evento, não caberiam/encaixariam as legendas, elas foram excluídas.

6 CONSIDERAÇÕES

Com o surgimento da juventude como categoria e a manifestação aflorada da contracultura, nos anos 60 e 70, muitos jovens ativeram-se fielmente aos ideais libertadores como reação ao sistema político vigente. Com o passar dos anos e o surgimento da indústria cultural os símbolos utilizados por essas gerações passaram a ser utilizados de forma comercial e como incentivo para o consumo. Vendo nos jovens um novo nicho em crescimento a indústria apoderou-se, também, dos valores deles para vender mais produtos e bens culturais.

Desde o *blues* e o *rock* (surgidos como forma de manifestação) até as vestimentas *hippies* e *punk*, todos os elementos significativos dos diversos grupos juvenis foram sendo gradativamente apropriados pela indústria cultural com o único intuito de participar do sistema de produção capitalista. É observável que uma parcela dos jovens percebeu essa manipulação comercial dos elementos simbólicos resistindo a esse apelo, porém a maioria ou não tomou consciência, ou simplesmente se rendeu a esses mecanismos comerciais.

O crescimento da economia pós-guerra permitiu a entrada do jovem no mercado de trabalho o que derivou em uma situação inédita a partir daquele momento: uma situação financeira que permitia ao jovem consumir. A partir daí observou-se uma nova categoria de jovens que segmentou-se em tribos urbanas, organizadas por gostos similares e compartilhamento de ideais.



Em decorrência da necessidade de criação de insígnias que produzissem significação para cada uma das novas tribos a indústria e sua cadeia produtiva também foi favorecida com os novos produtos e novas ideias geradas.

O que pode ser observado com a realização desta pesquisa, pesquisa bibliográfica e obtenção de material no campo – fotos e entrevistas – foi que os jovens pertencentes ao recorte temporal e geográfico estudado não se importam, salvo exceções, com as ideologias desses movimentos surgidos na contracultura, como o *hippie* e o *punk*. Na realidade, usam, muitas vezes, símbolos desses movimentos sem saber o que representam, simplesmente por estética, conforto ou modismo. É necessário também esclarecer que a maioria dos jovens não gosta de ser categorizada como participante de tribos ou movimentos: dentro do seu grupo, encontram apoio e identificação, mas trocam constantemente de ‘tribo’.

Uma possível explicação é que, talvez esses jovens tenham outras preocupações que não as mesmas da época contracultural. Talvez eles tenham, com as novas tecnologias, outras formas de ‘fazer revolução’ e de se manifestar. Frisa-se aqui que muitas características visuais, e até comportamentais, influenciaram esses novos grupos. O meio século que separa a época atual da geração contracultural modificou o mundo e tudo que estava dentro dele, inclusive os valores, sonhos e perspectivas dos jovens. A contracultura ainda existe, porém, agora ela manifesta-se de outras formas, se recicla e se renova, assim como a própria juventude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINETI, Kaíque. **Fotorreportagem: a Apropriação Imagética da Narrativa Jornalística**. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

AMORIM, Bruno Delecave. **Contracultura no Brasil: Resistência à hegemonia da Indústria Cultural**. (Monografia) PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), 2007. Disponível em: < <http://contraculturabrasil.blogspot.com/>>. Acesso em: 05 de maio de 2011.

CHIZZOTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5.ed. - São Paulo: Cortez, 2001. - (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v.16)



CODATO, Henrique & LOPES, Flor Marlene E. **Semiologia e semiótica como ferramentas metodológicas**. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (orgs). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. – 2.ed. – 2. reimpressão – São Paulo: Atlas, 2008.

COMODO FILHO, José Roberto. **O Direito de Imagem**: usando corretamente a imagem das pessoas. Revista Fotógraphos, número 04, 2005. (artigo)

FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. 2.ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas – 4.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**: Necrose. 3.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

OLIVEIRA, Eduardo. **O instante do Fotojornalismo**. Revista Fotógraphos, número 05, 2005.

SANTAELLA, Lucia & NÖTH, Winfried. **Imagem** – Cognição, semiótica, mídia. – 1. ed., 4. reimpressão – São Paulo: Iluminuras, 2008.

SILVA, Juliana Martins Evaristo da. **Visibilidade e Subjetividade na Contemporaneidade**. Trabalho apresentado ao XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom. Acesso em 05 de maio de 2011. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0477-1.pdf>>.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental**. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

STUMPF, Ida Regina C.. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (orgs). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. – 2.ed. – 2. reimpressão – São Paulo: Atlas, 2008.

ZANETI, Hermes. **Juventude e Revolução** – Uma investigação sobre a atitude revolucionária juvenil no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.